



Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, na cerimônia de anúncio de recursos do programa Minha Casa, Minha Vida para municípios com menos de 50 mil habitantes e de seleção para o Pró-Moradia

Brasília-DF, 12 de janeiro de 2010

Meu caro amigo e companheiro presidente do Senado Federal, senador José Sarney,

Minha querida companheira ministra Dilma Rousseff, ministra-chefe da Casa Civil,

Meus queridos companheiros ministros Marcio Fortes, das Cidades; Nelson Machado, interino da Fazenda; Alfredo do Nascimento, dos Transportes; José Pimentel, da Previdência Social; Paulo Bernardo, do Planejamento, Orçamento e Gestão; e o nosso companheiro Alexandre Padilha, das Relações Institucionais,

Companheiros governadores Alcides Rodrigues, de Goiás; Sinval Barbosa, de Mato Grosso, governador em exercício; Francisco José Pinheiro, do Ceará, também governador em exercício; José Targino Maranhão, nosso querido Zé Maranhão, da Paraíba; Wellington Dias, nosso querido (incompreensível) do Piauí; nossa sempre primeira-dama do estado e do Nordeste, Wilma Maria de Faria, do Rio Grande do Norte; nosso companheiro Eduardo Braga, do estado do Amazonas; e o nosso companheiro Carlos Henrique Gaguim é o novo governador do estado de Tocantins,

Quero cumprimentar os senadores Antônio Carlos Valadares, o nosso companheiro do estado de Sergipe,

Quero cumprimentar o Suplicy – já foi embora –; o Inácio Arruda, nosso companheiro do estado do Ceará; o João Ribeiro, do estado do Tocantins; e o Sadi Cassol,



Deputados, quero cumprimentar o Cândido Vaccarezza, líder do PT, quero cumprimentar o Carlos Zarattini, a Eliene Lima, o companheiro deputado Jairo Carneiro, o nosso companheiro José Mentor, o nosso companheiro Júlio Cesar, Lázaro Botelho, Lupércio Ramos, Marco Maia, o nosso companheiro Mário Negromonte, Paulo Pimenta, Sandro Mabel, Roberto Balestra, Ricardo Barros, Rocha Loures, Valtenir Pereira, Wilson Picler e Zezéu Ribeiro, que estava cochilando aí agora, eu vi.

Quero cumprimentar a nossa querida companheira Maria Fernanda Ramos Coelho, presidente da Caixa Econômica Federal,

E quero cumprimentar o nosso companheiro, prefeito de São Simão, Francisco de Assis Peixoto, que falou aqui em nome dos prefeitos,

Quero cumprimentar também a senhora Maria Darci Mota, diretora-presidente da Companhia de Habitação de Santa Catarina,

E quero cumprimentar o Roberto Sérgio Abdalla, representante da Associação Brasileira de Crédito Imobiliário e Poupança,

Quero cumprimentar a imprensa brasileira que está aqui,

Os prefeitos, as prefeitas, todos os funcionários do governo federal, os secretários estaduais, municipais e adjacências.

Bem, primeiro, vocês sabem que eu aprendi nesta curta vida, porque eu sou um jovem, que muitas vezes a gente cita o nome dos deputados e senadores, as pessoas falam: “Nossa, mas por que citar nominata com tanta gente?”. É que depois que a gente precisar votar um projeto no Congresso, quando a gente vai conversar com um deputado, ele fala: “É, eu estava lá, nem falou o meu nome. Agora precisa de mim”. E isso não é só deputado, não. Peão na porta de fábrica fazia assim: “É, só vem aqui na época de eleição, só para entregar boletim”. Então, a gente precisa... Eu sou grato porque até agora 99,99% das coisas importantes que nós mandamos para o Congresso Nacional, o Congresso Nacional aprovou, na maioria. Muitas vezes a gente



manda um projeto de lei maravilhoso, manda um pônei e eles transformam em um camelo. Mas muitas vezes é o Executivo que manda um camelo e vocês transformam em um pônei bonitinho, uma coisa muito melhor. Eu sou testemunha de que, na maioria das vezes, os projetos melhoraram dentro do Congresso Nacional, numa demonstração de que, com divergência ou sem divergência, o fato de nós termos a representação plural da sociedade dentro do Congresso Nacional, a gente consegue sempre encontrar um jeito de fazer as coisas melhorarem.

Eu não vou ler o meu discurso, Paulo Bernardo – eu queria que você segurasse, para o meu assessor vir buscar –, porque o meu discurso está mais ou menos que nem o do Marcio. Não sei se vocês estão lembrados, no tempo da União Soviética, quando o secretário-geral do Partido Comunista ia ler o relatório dele. O meu discurso está um relatório. É a mesma coisa do discurso do Marcio, com números: uma casa, duas telhas, dois telhados, um tijolo, um poste para cá.

Então, eu vou tentar aqui apenas dizer para vocês o seguinte. Primeiro, eu queria desejar a vocês, a todos sem distinção, um ano de 2010 infinitamente melhor do que todos os anos que nós tivemos anteriormente. E digo isso porque tudo que nós estamos visualizando, tudo, demonstra que 2010 vai ser um ano muito importante para este país. Tem gente que ainda não quer acreditar, tem gente que ainda teima em ficar vendo que coisas ruins vão acontecer. Aliás, tem gente que pega coisas insignificantes e transforma em coisas importantes para eles.

Eu tenho, nesse momento... Eu não sei, Sarney, com todo o respeito ao teu mandato de presidente e dos companheiros, eu não sei se em algum momento da história deste país um presidente pôde viver um ano de tanta expectativa como eu estou vivendo 2010. E, dizendo isso, eu estou dizendo aos prefeitos que ainda tem 2010, 2011 e 2012, portanto, ainda tem três anos... é que vocês, prefeitos, serão os grandes ganhadores do sucesso que a política



econômica deste país tiver. Vocês serão, na verdade... porque nós aprendemos – e essa é uma lição de vida –, nós aprendemos que é um erro, uma ignorância alguém imaginar que, por ser mais sabido que os outros, ele pode governar este país daqui de cima sem entender que a cabeça não anda se a gente não tiver pé. Então, é preciso que o corpo todo esteja em harmonia para que uma nação possa dar certo. E nós aprendemos a trabalhar com governadores de estado e aprendemos a trabalhar com prefeitos deste país sem perguntar a eles absolutamente nada. Porque antigamente o governo central preferia ficar com o dinheiro para que os prefeitos viessem aqui pedir esmola. E vocês sabem que quem tem dinheiro tem sempre uma facilidade muito grande de exercitar o poder. Dinheiro e informação, cargo e caneta são quatro formas de exercitar o poder.

O que nós estamos construindo para deixar para quem vier depois é um legado novo. É que uma relação respeitosa entre os entes federados e uma relação de confiança entre prefeitos e governadores, governadores e governo federal, governo federal e prefeitos é o que pode consolidar uma revolução administrativa neste país, e está acontecendo por conta dessa relação de confiança. Essa é uma conquista que é nossa. Eu tenho um pedacinho, vocês têm um pedacinho, ou seja, é nossa. Nós estamos tentando construir um novo jeito de fazer as coisas acontecerem no Brasil.

E além do sucesso do programa Minha Casa, Minha Vida... A Maria Fernanda sabe, a Dilma sabe, o Marcio Fortes sabe que eu ando cobrando cada dia mais, ou seja, eu não me contento nunca com os números. Eu nunca, Dilma... Você precisa saber o seguinte: eu fui jogador de futebol, e fui quase dos bons. É que um dia a minha mãe falou: “Você tem que escolher: ou você se prepara para ser jogador ou para ser presidente”. Eu, então, escolhi me preparar para ser presidente. Mas o dado concreto é que eu sou da filosofia de que um time não pode nunca ir para a retranca porque fez 1 X 0. Ora, se a gente está gostando de fazer 200, nós temos que trabalhar para fazer 300. Se



a gente está fazendo 300, tem que se preparar para fazer 400, 500, ou seja, não tem que ter limite. Não pode, o papel do Estado não é uma coisa finita. Ele sempre pode mais na hora em que ele consegue criar entre os entes federados a disposição de se autoajudarem e não ficarem cada um culpando o outro. Porque é assim: prefeito culpava governador, que culpava presidente, que culpava o Congresso, que culpava o Papa, que culpava não sem quem. O resultado final é que terminava o mandato de todo mundo e a gente não via acontecer nada neste país. Tem prefeitos que terminaram o mandato inteiro, alguns foram até reeleitos, em tempos passados, sem nunca receber um centavo do governo federal, muitos. E não é possível você governar o País apenas aqui de cima. Quem conhece, na verdade, as estranhas do povo deste país é quem está lá, vivendo com o povo no dia-a-dia, é quem sabe qual a angústia dessa sociedade. Então, por que não envolvê-los?

Vocês estão lembrados que no encontro de prefeitos que nós fizemos em março, em que participaram os governadores, eu chamei atenção para uma coisa, que era a questão do analfabetismo. Eu estou convencido hoje que é muito difícil a alfabetização de adultos, sobretudo as pessoas mais idosas, é cada mais difícil você levá-las de volta. Mas só a prefeitura é que pode levar. Não é um programa, não é dinheiro, é você convencer o prefeito.

Eu já contei para vocês a briga do programa Bolsa Família. Havia muita gente que dizia: “Mas, Presidente, isso não é do PT. Você vai fazer o cadastramento pela prefeitura, Presidente? Está cheio de prefeito ladrão neste país. Está cheio de prefeito...”. Porque as pessoas têm uma facilidade de julgar. Ou seja, a coisa mais fácil é chamar alguém de ladrão, a mais difícil é você pedir desculpas quando você reconhece que não é. Eu dizia... O pessoal dizia: “Não, porque o movimento, o movimento vai cadastrar, o movimento vai não sei das quantas”. Eu, na verdade, não acredito em “espontaneísmo”. Ou a gente trabalha de forma profissional e a gente corresponsabiliza as pessoas, ou as coisas não acontecem.



É por isso que eu não tenho dúvida nenhuma de que não existe, no mundo, nenhum programa com cadastramento mais sério do que o programa Bolsa Família. Eu não conheço um beneficiário do Bolsa Família, não sei o nome de nenhum, porque não sou eu que faço. Quem faz são os prefeitos, o movimento social que ajuda a controlar lá, o Ministério Público. O nosso papel é disponibilizar, no final do mês, o dinheirinho que eles recebem sem pedir favor a prefeito, sem pedir favor a vereador, sem pedir favor a presidente ou a governador. É uma conquista deles, e eles vão ao banco e recebem o seu dinheiro.

Pois bem, nós aprendemos, aprendemos, e por isso as coisas estão dando certo. Esses números que o Sarney citou aqui, que a Maria Fernanda citou, eu vou dar um outro número para vocês. Ontem, Eduardo Braga, eu fiz uma reunião sobre o programa Luz para Todos com o Ministério de Minas e Energia, Eletrobrás. Vocês sabem que, inicialmente, a gente tinha o compromisso, pelo IBGE, de fazer 2 milhões de casas. Quando nós fomos a campo, nós descobrimos que além dos 2 milhões de casas colocadas pelo IBGE, tinha mais 1 milhão que não estavam cadastradas, a mais. Bom, então nós assumimos o compromisso de fazer também esse a mais. Acontece que quando você começa a fazer um programa, você começa fácil, e quanto mais distante vão ficando as casas, mais difícil. Só para vocês terem exemplo, esse Programa já gastou 5 mil... 5 milhões de... Não, não. Cinco milhões de quilômetros de fio, um milhão de postes e quase 800 mil transformadores. Ontem nós atingimos 2 milhões, 335 mil casas. Nós temos uma meta de fazer 568 mil ligações este ano.

Mas eu estou falando isso porque está ficando difícil. Lá no estado do Amazonas, você pegar um barco, tem que andar horas de barco, depois descer do barco e andar horas no meio do mato. E para carregar um poste de madeira, um poste de madeira bom custa... o peso dele significa, para cada poste, 390 quilos. Então, você imaginar as pessoas carregarem 390 quilos nas



costas no meio do mar [mato], ou para colocar em uma chatinha no rio, vai afundar, e ao chegar lá tem que ter muita gente para levantar. Um poste de cimento, que a gente fazia antes, pesa uma tonelada. Você imagine descer na margem de um rio e pegar esse poste, andar mais três, quatro quilômetros a pé com ele, tentando carregar esse poste. Então, está ficando difícil.

Então, vai ser construída, agora, uma fábrica – ela já existe no Paraná –, nós vamos fazer uma fábrica de postes... Não nós. O Ministério acordou com o empresário, ele vai implantar uma fábrica de postes de lã de vidro. Esse poste pesa apenas 130 quilos. Um cara como você, Vaccarezza, pesa mais que o poste. Portanto, fica muito fácil a gente, agora, utilizar. E vamos agora... Nem falei de você, Zezéu, nem falei de você. Agora nós vamos pegar todos os estados que estão mais atrasados e vamos trabalhar, este ano, para ver se a gente consegue fazer avançar o Programa. Se a gente não chegar a 100%, vamos chegar a 95%, 80%, 90%, mas o fato concreto é que está muito próximo de, um dia, a gente dizer que neste país todo cidadão apagou o candeieiro.

Uma outra coisa importante – a Dilma deu um pequeno sinal aqui – é que desde setembro do ano passado eu estou falando na construção de um novo PAC 2011-2015. E por que eu estou pensando em um novo PAC? É porque nós precisamos colocar dinheiro, primeiro na LDO, e precisamos colocar dinheiro no Orçamento que vai ser aprovado este ano para 2011. Nós não podemos esperar que quem começar o governo comece a fazer o Programa para começar tudo, porque ele vai perder um ano. Então, nós queremos pegar a *expertise* – gostou, Marquinho, de eu falar *expertise*? – que nós adquirimos neste PAC e construir uma espécie de segundo PAC. Nesse segundo PAC tem a Olimpíada de 2016, tem a Copa do Mundo de 2014 e tem um tanto de obras aí que vamos apresentar.

Mas uma coisa que nós queremos discutir com seriedade, e os prefeitos vão ser muito importantes, é o seguinte: nós precisamos priorizar a reparação nas regiões metropolitanas deste país, dos governos que ao longo das últimas



quatro décadas criaram cidades quase inabitáveis. Pessoas que moram longe, pessoas que correm risco quando chove, pessoas que correm risco de morar de forma indecorosa e indecente, foram sendo amontoadas com o maior descaso, e aí não tem santo, não tem partido santo, não tem vereador santo e não tem prefeito santo. Todos que governaram têm um pouco de responsabilidade, porque nós fomos permitindo que a sociedade brasileira fosse se amontoando de forma inadequada. E isso nos obriga, não apenas a ficar com dó quando acontece uma tragédia. Porque a tragédia, eu nem discuto tragédia. Tragédia é uma coisa tão anormal, que a gente não tem como medir. Se você tem uma cidade em que chove, em cinco horas, a quantidade de chuva que tinha que chover no mês inteiro, alguma coisa vai acontecer, alguma coisa vai acontecer. Eu estava no Guarujá, caiu uma chuva na quinta-feira, que eu pensei que ia encher o mar. Eu falei: tudo bem, quando o rio transborda, a água vai para o mar. Primeiro, passa na casa das pessoas que moram na periferia, depois ela vai para o mar. Eu falei: se o mar encher, vai para onde?

Então, eu fiquei... fico imaginando o seguinte: a tragédia de Angra, uma coisa que não dá para a gente imaginar a gravidade. Eu não quero nem saber, e não estou preocupado, quem é o culpado, porque agora todo mundo quer achar um culpado. Eu quero saber é de a gente evitar que a irresponsabilidade permita que pessoas construam casas em lugares inadequados. As leis, elas existem, as leis são proibitivas. Você não pode construir casa na beira de córrego, mas as pessoas constroem. Aí, se um prefeito quer tirar, vai um vereador da oposição lá fazer um acampamento contra. E assim vai. Eu digo isso porque já fiz muito. E essa irresponsabilidade vai permitindo que a gente vá fotografando o resultado da irresponsabilidade.

Então, eu falei para a Dilma: Dilma, nós precisamos trabalhar o PAC agora e apresentar uma grande proposta, para ver se a gente resolve o problema de drenagem dos municípios brasileiros, o problema de drenagem, que é um problema sério. E aí tem que ter, Paulo Bernardo, uma pactuação,



onde ninguém tente enganar ninguém. Se um grupo de pessoas está indo morar em um lugar inadequado, o prefeito tem que não permitir que vá. Que coloque aquelas pessoas em outro lugar. Vamos discutir, mas não pode as pessoas construírem dez. Se construírem dez, é apenas um amontoado de gente. Mas se construírem mil, vira um problema político e não tira mais. Aí aparece, aparece... eu, não mais, porque eu sou presidente, mas aparecia sindicalista, eu era um deles, que corria lá: “Aqui, ninguém mexe” (incompreensível). Aí aparece, aparecia movimento social, deputado, senador, vereador, tudo mundo achando que é normal aquilo. Aí, quando vem enchente, todo mundo se afasta e fala: “Eu não tenho culpa. A culpa é só do prefeito”. Não, eu acho que a culpa é o acúmulo de erros cometidos neste país, ao longo de décadas. Então, não dá para procurar um culpado, o que nós temos que refletir é como começar a trabalhar para que a gente possa sonhar daqui a 20 anos ou 30 anos não ter mais essas tragédias, não existirem mais.

Então, essa questão do saneamento básico, essa questão da drenagem, essa questão da habitação, passam a ser coisas prioritárias para nós. Obviamente que nós temos preocupação com as Olimpíadas, nós temos preocupação com a Copa do Mundo, mas isso é uma coisa passageira. O que é definitivo é a permanência do povo nas cidades, é o povo apinhado em ônibus, é o povo apinhado em trem. E é disso que nós, então, temos que nos preocupar, com muito carinho, para que a gente coloque dinheiro no orçamento de 2011, e depois que entrar, vai colocar 2012. E é uma coisa que não pode parar, tem que ser que nem carteira de advogado trabalhista. Precisa ter mais de mil projetos para poder começar a ganhar um dinheirinho. A não ser que seja advogado (incompreensível) empresa estatal, porque aí ganha logo. Quando é advogado fora de empresa estatal, tem mais dificuldade.

Então, nós precisamos ter uma carteira de investimento que não pare nunca mais. Se a gente passou 30 anos sem fazer, que a gente faça 30 anos



seguidos, para recuperar o tempo perdido neste país. Então, nós vamos trabalhar essa coisa com muito carinho e pretendemos apresentar para vocês.

Agora, eu queria terminar, fazendo um apelo. Os governadores já sabem (incompreensível): é preciso, e é um apelo, pelo amor de Deus, construam os projetos. Se você chegar ao ministro Padilha, ou ao ministro Marcio, com um projeto objetivo, com um projeto com começo, meio e fim, dificilmente faltará dinheiro para aquele projeto. Dificilmente, faltará dinheiro para fazer o projeto.

No primeiro, no PAC, em fevereiro de 2007, o que a gente descobriu é que ninguém tinha projeto, nem governo dos estados, nem governo municipal e nem governo federal, ninguém tinha projeto. Por que ninguém tinha projeto? Porque, como o País tinha passado... Eu até penso que isto é uma máquina de pipoca, aqui do meu lado, porque toda hora (incompreensível). Eu estava quase pensando: joga pelo menos o piruá para mim. O piruá é o milho que sobra. Quando eu morava na Vila Carioca, eu não podia comprar pipoca – vida de pobre é uma desgraça, né? –, eu não podia comprar a pipoca, a cheiona, assim, aquela que parece neve. Aí, quando eu saía, os outros já tinham comprado a pipoca, ficava o piruá, que era aquele milho que não estourou. Era aquele que eu comprava, e vivia feliz assim. Mas jogue uma para mim, meu filho, não deixe pipocar tanto aqui na minha orelha esquerda, não.

Então, veja, nós agora aprendemos... Já tem governadores com projetos, deve ter prefeitos com projetos... Pelo amor de Deus, trabalhem em projetos. Mas antes de dizer “tem pobre, tem favela”, apresentem um projeto de urbanização daquela favela, do córrego, apresentem o projeto. O projeto é que nem fotografia de filho da gente: a gente compra. Agora, só pedir dinheiro, é difícil.

Então, eu queria pedir para os prefeitos: vocês têm três anos de mandato. Se não têm projetos ainda, dediquem os próximos tempos a projetos. Se não tiverem como fazer um projeto, procurem a Caixa Econômica no estado. Se não tiver, procurem o governador para o governador ajudar. Todos



os governadores... Acabou aquele tempo em que prefeito era inimigo do governador, o governador era inimigo do prefeito. Hoje todos nós aprendemos que temos que trabalhar juntos. Não existe mais espaço para pequenez política, não existe mais espaço. Mas se vocês tiverem um projeto - eu posso garantir, porque eu conheço o funcionamento do Planejamento, da Fazenda, da Casa Civil - com um projeto na mão não falta dinheiro, não falta dinheiro. Então, eu acho que nós agora precisamos reparar os desmandos que foram feitos neste país, e reparar a inexistência de projetos, porque aí nós vamos concluir as coisas corretamente neste país.

No mais, companheiros e companheiras, eu queria alertar vocês de uma coisa. Nós vamos ter eleições este ano. Todo mundo sabe que época de eleições é um ano sempre muito quente. Vocês já estão vendo, mais ou menos, o perfil do tipo de disputa que vai ter, do tipo de agressão, do tipo de insinuação. Eu só queria pedir para vocês o seguinte: aconteça o que acontecer, vocês não permitam que a relação institucional entre os entes federados sofra qualquer problema por conta de uma eleição. Uma eleição passa, e a vida continua.

Eu estou imaginando que como os meus adversários são todos muito letrados, eles vão querer fazer um debate em alto nível, em (incompreensível) programático, quem vai fazer mais, quem vai... Eu espero que seja isso. Pelos sinais que eu vi, me parece que na ausência de discurso programático, vale chutar do peito para cima. O que eles não sabem é que eu sou capoeirista, não sabem e, portanto, eu estou muito preparado para não deixar a coisa chegar no meu peito. E eu tenho certeza absoluta que nós vamos conseguir perpassar este ano vendo a economia... Vocês gostaram do “perpassar” que eu falei aqui? Quando eu terminar o mandato eu vou fazer o Enem, vou entrar no ProUni, vou procurar uma cidadezinha e fazer uns cursinhos aí.

Mas uma coisa que eu queria pedir para vocês é o seguinte. Eu acho que neste ano a economia brasileira vai crescer bem, acho que nós vamos



gerar muitos empregos neste país. Agora, é importante que a gente cresça bem, que a gente gere os empregos, mas que a gente não se esqueça nunca, nunca, que tem uma parcela da sociedade que ainda é mais pobre e que ainda precisa mais de nós, precisa mais do prefeito, precisa mais do governador, mais do presidente da República. Nós queremos que todos cresçam. Eu quero que os empresários ganhem dinheiro, porque quando eles ganharem dinheiro vão aumentar a fábrica, vão contratar mais trabalhadores, vão gerar mais salário, que vai gerar mais emprego, que vai gerar mais renda. É isso que eu quero.

Então, podem ficar certos do seguinte: eu não vou pedir para me chamarem de “Lulinha, paz e amor” em 2010, porque eu não sou candidato. Mas estejam certos de uma coisa: eu estou tão convicto do que vai acontecer neste país, estou tão convicto do que vai acontecer no processo eleitoral, que nada, absolutamente nada vai fazer com que eu perca um milímetro do meu bom senso, e desviar este país do caminho que nós estamos hoje. Não há hipótese, não há hipótese. Então, eu só quero de vocês o seguinte: não permitam que o jogo rasteiro de uma campanha eleitoral estrague a grandeza da relação que nós conseguimos construir no nosso país.

Muito obrigado, companheiros. Boa sorte, e mais casas para todos nós.

(\$211A)